

Apresentação

Fernanda Henriques

PALAVRAS ESPELHOS DE VIDA

*Escrever: escrever, gostava muito.
Mas a minha forma de criar é encenar e representar.
Se pudesse, encenava-a.
Ou representava um monólogo,
em que o tema seria a saudade dos tempos em que nos
fiz acreditar que era possível...*
João Mota

Cosmopolitismo		Ousadia		Utopia
Desenvolvimento		Alteridade	Antecipação	Escuta
Inquietação	Partilha	Liberdade	Novidade	Universalidade
Profecia		Coragem	Paradoxo	Sonho
Irreverência		Projecto	Democracia	
Alegria	Abertura	Frontalidade	Racionalidade	
Curiosidade	Justiça	Igualdade	Felicidade	Rigor
Esperança		Clareza	Autenticidade	
Compromisso	Liderança	Integridade	Singularidade	
Espontaneidade		Convergência	Paixão	
Lucidez	Cuidado	Cidadania	Imaginação	Elegância
Solidariedade		Disponibilidade	Cultura	
Verdade	Inspiração	Diálogo	Luminosidade	Humanização
Frescura		Itinerância	Diferenciação	Risco

As palavras, diz Paul Ricoeur reiteradamente, são acumuladores semânticos. Nelas encontramos depositada a história das línguas ou, o que é o mesmo, a história das culturas e dos valores.

As palavras são as memórias, os sulcos do tempo e das buscas humanas.

As palavras que encimam este texto representam também uma sedimentação e uma memória. A sedimentação e a memória dos valores e dos princípios que Maria de Lourdes Pintasilgo instaurou com a sua intervenção de mulher e de cidadã. Elas são,

por isso, palavras fundadoras de um modo de habitar a vida e de protagonizar a história, através de uma intencionalidade profunda de quem sabe receber uma herança, mas, simultaneamente, quer enriquecê-la pela recriação.

Neste número da revista *ex aequo*, em sua memória, ficam as palavras de algumas das muitas pessoas a quem Maria de Lourdes Pintasilgo interpelou, quer no país, quer no estrangeiro, e que quiseram ou puderam expressar os ecos dessa interpelação em diálogo aberto com as propostas de vida, pessoal e colectiva, que ela legou. Em cada texto, seja testemunhal seja mais teórico, pode-se encontrar a reiteração de todas as palavras seleccionadas para iniciar a apresentação deste nº12 da *ex aequo*. Em alguns dos textos, certamente os mais próximos de Maria de Lourdes Pintasilgo, as palavras usadas são, fundamentalmente, apropriação transcrita das palavras dela. Noutros, porventura com maior distanciação, são as suas ideias e as suas propostas que alimentam a trama textual, abrindo novos campos de significação. Em qualquer dos casos, a figura de Maria de Lourdes Pintasilgo é a fonte matricial de referência e o horizonte de sentido dos desenvolvimentos.

*

A Revista está organizada em quatro secções, cada uma delas referente a uma dimensão da vida e da obra de Maria de Lourdes Pintasilgo.

1. Abre com um **Pórtico**, esse lugar de passagem para o interior do edifício, mas que, ao estabelecer uma descontinuidade espacial, obriga a uma pausa, exigindo que se preste atenção à construção.

Nele se incluíram textos de cariz mais vivencial, nos quais diferentes personagens, portuguesas e estrangeiras, explicitaram experiências marcantes decorrentes de contactos pessoais e/ou institucionais com Maria de Lourdes Pintasilgo. O **Pórtico** inicia-se com um poema que, como pórtico do pórtico, metaforiza a imagem de Maria de Lourdes, transformando-a num símbolo de esperança.

2. A primeira parte, intitulada **Ressonâncias da vida e da obra de Maria de Lourdes Pintasilgo**, integra textos de âmbito mais informativo.

Esta parte começa com uma “Cronologia da vida e da obra de Maria de Lourdes Pintasilgo” que, balizando o seu percurso e fornecendo informação detalhada sobre as suas actividades, pode constituir-se como elemento de referência para qualquer futuro trabalho sistemático de investigação. Seguem-se três textos de

proveniência e índole muito diferente. O primeiro, “Inédita e subversiva”, e o segundo, “Quelques souvenirs”, são de autoria de duas personalidades internacionais e que, nesse âmbito, dão informação acerca do papel de Maria de Lourdes Pintasilgo fora do país, referindo o seu prestígio e a sua capacidade de realização, descrevendo as suas actividades, quer como conferencista, em 1992, no *Planeta Fêmea*, quer como Presidente da *Comissão Mundial Independente sobre População e Qualidade de Vida* ou do *Grupo de Peritos do Conselho da Europa sobre Igualdade e Democracia*. Para além de realçarem o seu brilhantismo e a sua capacidade de liderança, ambos os textos relevam o carácter inédito da sua forma de intervenção que se regia pela ideia de que as mulheres tinham qualquer coisa de novo e de inalienável para a construção de uma democracia mais autêntica. Diz-se no primeiro deles a determinado momento: “Havia na procura de Maria de Lourdes algo de muito mais subversivo. Não lhe interessava tanto que as mulheres pudessem ser como os homens e, sim, que pudessem, enfim, ser como as mulheres. Não aquele feminino inventado pelos homens *in absentia* das mulheres mas um outro, uma construção histórica, que só seria possível se as mulheres se recusassem doravante a ser apenas o avesso, o contrário ou, pior, a imitação dos homens”. Também o segundo texto dá conta da mesma ideia: “Elle était persuadée que les femmes, une fois qu’elles occuperaient des postes de prise de décisions en nombre assez important allaient, de par une contribution qui leur serait propre, créer un monde meilleur où une attention plus importante serait donnée à l’environnement naturel, à la lutte contre l’exclusion sociale et au respect de l’être humain. Pour elle, les femmes seraient l’avenir de la démocratie”. O terceiro texto, “Cartas a Liliana sobre uma Mulher das Cidades Futuras”, provem do próprio *Graal* e, como o nome indica, vai expondo sob a forma de cartas as diferentes dimensões do compromisso pessoal, social, político e religioso de Maria de Lourdes Pintasilgo. Para além de ter assumido a figura epistolar, este texto recorreu ainda ao recurso retórico de narrar a partir de um sujeito colectivo, construído com base em citações do livro publicado como homenagem aos 70 anos de Maria de Lourdes Pintasilgo, em Janeiro de 2000, que a autora vai entretecendo com palavras da própria Maria de Lourdes, extraídas de registos orais. Pretendeu a autora “produzir um efeito de «reflexo mútuo» da inspiração que a presença de Maria de Lourdes foi e é no *Graal* e na sociedade portuguesa”.

3. A segunda parte, ***Maria de Lourdes Pintasilgo e as dinâmicas políticas-sociais***, mantendo o mesmo registo informativo, reúne artigos de dois tipos: os que comentam directamente os seus textos ou as suas

intervenção, aos diferentes níveis, e os que desenvolvem temáticas inspiradas na sua proposta social e política, mas que extravasam os seus escritos.

Esta segunda parte abre com um texto teórico sobre a modernidade. O texto intitulado “A força tranquila da paixão”, embora se concretize numa análise alargada e sistemática das questões que formaram e desenvolveram a Modernidade, de alguma maneira, move-se pela inspiração de Maria de Lourdes Pintasilgo. O seu título aponta para o modo possível de protagonizar a lógica da incerteza que é o legado da Modernidade. Viver segundo essa lógica supõe um claro compromisso pessoal, uma decisão inaugural, que pode, posteriormente, desenrolar-se com tranquilidade e radicação segura. O final do texto mostra que Maria de Lourdes Pintasilgo foi tomada como um exemplo desse modo de habitar o mundo: “Num mundo atravessado entre a laicização moderna e as intransigências neo-conservadoras, portadoras de fanatização e de guerras de religiões, buscou um Deus bom para si própria e para os outros, como uma interrogação permanente acerca dos fundamentos éticos da existência. E essa é a democracia mais exigente, porque nos pergunta sempre porquê e para quê. Mas, ao mesmo tempo, fez dessa devoção uma entrega, uma vida simples que procurava respostas e que não esperava por elas para agir e para tomar partido.

Desafiou assim com esse saber as certezas monoteístas do mercado, da exploração, da tristeza e da alienação. Esta foi a vida mais cheia que se pode ter. São estes os sujeitos da modernidade, as pessoas que transformam vidas e modos de vida. Por isso, a modernidade pode ser uma iluminação. Depende somente da mais difícil das condições, a vontade – e a vontade é essa força tranquila da razão. Maria de Lurdes esteve entre as melhores de todos nós, e assim continua”.

O segundo texto, “Actualidade de um voto de vencida na era dos choques”, realiza um exercício interessante que consiste em analisar as propostas que, na actualidade, são apresentadas ao país para resolver “aquela que foi descrita por Maria de Lourdes Pintasilgo, à saída de uma última audiência com o Presidente da República em Junho de 2004, como a mais grave crise afectando os portugueses desde o 25 de Abril”, à luz “das considerações [...] expressas, em 1973 pela própria Maria de Lourdes Pintasilgo, no seu voto de vencida ao parecer da Câmara Corporativa sobre o IV Plano de Fomento”. Neste quadro, trata-se de um texto que procura prolongar o olhar de Maria de Lourdes e torná-lo, ainda hoje, eficaz.

Também o terceiro e o quarto textos se referem ao pensamento e aos escritos de Maria de Lourdes Pintasilgo.

O terceiro texto, “Dilemas & Problemas do Político numa Era de Vencedores: duas derivas (in)tempestivas a propósito de alguns pensamentos de Maria de Lurdes Pintasilgo”, procura explorar as propostas de pensar o tempo presente de Maria de

Lurdes Pintasilgo como mediação para uma reflexão aprofundada sobre o fenómeno político. Partindo de um enunciado irónico sobre a imagem do mundo: “O mundo anda cansado e indigente, mas de certo modo “feliz”. Nos países desenvolvidos, pelo menos”, procura-se fazer aflorar as contradições que o exercício descuidado da democracia arrasta consigo e, conseqüentemente, pôr a nu que é necessário tomar criticamente a vivência democrática, de modo a não nos deixarmos levar pelo imediatismo das urgências e das respostas feitas que impede a reflexão enraizada e a compreensão das possibilidades inesgotáveis que o viver em comum comporta. É no quadro dessa “desmontagem” que ganha importância a visão de Pintasilgo, na medida em que há nela “uma consciente recusa, quer na sua prática política, quer no seu pensamento, da ausência de mediação entre política e ética, subordinando ambas ainda à responsabilidade crítica”. Por esse motivo, o autor considera-a “uma verdadeira intelectual” “e não apenas de uma mulher de cultura”. Contudo, o valor da sua visão do político advém da forma específica com que protagonizou a dimensão de intelectual que não se pautou, nem por uma pureza asséptica e descomprometida, nem por um compromisso determinado por uma qualquer posição já feita, mas antes se configurou em cada caso por “uma outra maneira de viver a acção política: viver de acordo com princípios sem esquecer as consequências da acção, examinar com independência e criticamente sem ser indiferente”.

O quarto texto, “Um pensamento novo”, retoma alguns temas já explorados na primeira parte, referentes às amplas actividades de Maria de Lourdes Pintasilgo, mas com uma apresentação e um comentário dos seus próprios escritos. A autora do texto quis também deixar clara a sua mágoa por uma certa injustiça que, como povo, fizemos a Maria de Lourdes, não lhe dando o relevo nacional que a sua vida exigia. Di-lo assim: “De Maria de Lourdes Pintasilgo fica-me a memória de uma Estadista à escala global, que o seu povo não quis entender. Fica-me, como parte desse povo, uma mágoa grande pela incapacidade colectiva que tivemos de lhe fazer sentir a nossa gratidão pelo que fez por Portugal, dentro e fora do País. Fica-me a luz do seu pensamento livre e bravo a renovar-se sempre, ao serviço de um ideal de democracia cada vez mais exigente para as pessoas viverem cada vez melhor. Fica-me o brilho vagamente irónico dos seus olhos e a palavra como força vital e agente de mudança. Ouço-lhe o ritmo encantatório, o entusiasmo mobilizador, a gargalhada, a crítica, a discordância, a preocupação, a rebeldia. E ouvi-la, é perceber porque não teve um funeral de Estado.

Talvez um dia, um dia em que o poder político seja, na nossa terra, exercido em paridade por homens e por mulheres, talvez quando o tempo for o que ela quis que pudesse ser, talvez então se entenda a importância dos símbolos para a participação

equilibrada de homens e mulheres no processo de decisão. E quando esse tempo vier, espero que Maria de Lourdes Pintasilgo tenha lugar no Panteão Nacional. Seremos nós a ficar em paz”.

O quinto texto, “Por uma economia cidadã”, sendo “dirigido à economia” vai perspectivá-la “no quadro mais amplo da cidadania e da participação, com destaque para o lugar que as mulheres são chamadas a desempenhar na construção do futuro colectivo deste mundo globalizado”. Nessa medida, embora se refira “a uma problemática a que a Maria de Lourdes Pintasilgo dedicou boa parte da sua reflexão e do seu compromisso cívico, nas duas últimas décadas da sua vida”, não é um texto inspirado nos escritos de Maria de Lourdes, como os dois anteriores, mas antes uma análise que os extravasa, procurando, noutros contextos e com outros instrumentos, dar corpo à necessidade e à possibilidade de pensar a economia como um factor de cidadania.

O último texto desta segunda parte, “Fundação *cuidar o futuro*”, corresponde à apresentação de um dos últimos projectos a que Maria de Lourdes Pintasilgo se dedicou e que, como o texto diz, correspondia quer à lógica dos seus empenhamentos públicos quer à dinâmica do *Graal*, emergindo como respaldo institucional. “O nome da Fundação tem origem no título *Cuidar o Futuro*, atribuído ao relatório divulgado e publicado em livro em 1998, [...], elaborado pela *Comissão Independente para a População e Qualidade de Vida*, a que Maria de Lourdes Pintasilgo presidiu entre 1992 e 1997, sob a égide das Nações Unidas”. “Dentro desta visão do “cuidado” a Fundação pretende elaborar propostas de pensamento e de acção para o futuro, (binómio reflexão/acção sempre presente), enraizadas nos valores espirituais que sempre animaram o Graal, criando estratégias que sejam vitais para a sobrevivência da sociedade e do planeta”. Assim, a *Fundação Cuidar o Futuro* pode ser vista como o legado institucionalizado de um modo de vida que, em cada momento, parece ter sabido sempre intuir o futuro e preparar a sua vinda.

4. A terceira e última parte diz respeito ao legado da vida e da obra de Maria de Lourdes no campo religioso, tal como o seu título indica: ***Maria de Lourdes Pintasilgo e a experiência religiosa.***

É constituída por dois textos; o primeiro, “Possíveis de uma teologia em escritos de Maria de Lourdes Pintasilgo”, é uma análise do próprio pensamento de Maria de Lourdes, procurando encontrar nos seus textos traços de um pensamento teológico. A autora declara que “é arriscada e prematura a afirmação pública de “Possíveis de uma teologia em escritos de Maria de Lourdes Pintasilgo””, mas, contudo, considera tratar-se “de uma intuição nascida do vivido e partilhado com Maria

de Lourdes” nascida “de uma suspeita emergente da sempre grande admiração que me causou o seu conhecimento profundo das Sagradas Escrituras, da tradição e doutrina cristãs, a sua tenacidade em perscrutar Deus por entre os acontecimentos, o seu desassombro nascido da fé e a sua capacidade de revolver os acontecimentos a partir da fé e procurando ser, antes de tudo, fiel à chamada do Evangelho.” Nesse sentido, ainda em palavras da autora “este texto limita-se a enunciar alguns ‘possíveis’ de modo a entrever, em vários escritos publicados de Maria de Lourdes, um pensamento de matriz teológica”.

O segundo texto, intitulado “Uma ética da sabedoria”, corresponde a um trabalho de tradução do original grego de um texto bíblico, *A carta de Tiago*, realizado no horizonte de sentido que a vivência de Maria de Lourdes permitiu configurar. Sobre isto diz o autor que a oportunidade de incluir tal tradução num *In Memoriam* se legitima plenamente, na medida em que inscrevendo-se o conteúdo do texto traduzido num “fecundo registo plural das origens cristãs” e sendo “em si mesmo o primeiro ensaio cristão consagrado essencialmente a questões morais” tinha ressonâncias “nos horizontes em que a Maria de Lourdes se moveu e a si mesma se viu. Ela que sabia muito bem – catolicamente cristã como era – que o Evangelho é irreduzível a uma moral. Ela que com Charles Péguy gostosamente diria que “Jesus Cristo pregou o Evangelho e os cristãos inventaram a moral”. Mas ela que, também lucidamente, viveu até à medula do osso o desafio para – na força do Espírito – se criar um espaço ético propício ao pensamento de uma moral. Uma ética da responsabilidade, de que uma das grandes linhas de força se traduzia na necessidade inescapável de cuidar o futuro. Hoje. Uma ética do futuro entendida não como uma ética pré-fabricada a legar aos vindouros, mas como uma ética que torne o futuro possível”. A tradução da *Carta* é precedida por uma larga introdução, onde se apresentam as questões exegéticas e teológicas levantadas pelo texto.

No conjunto, trata-se de um número polifónico, quer pela natureza dos textos, quer pela diversidade de formação dos seus autores e autoras, quer ainda pelo grau de relação que mantiveram com Maria de Lourdes Pintasilgo. Releva, contudo, dessa polifonia uma nota constante: a referência fundamental em que a sua vida e a sua obra se constituiu.

Para finalizar a apresentação deste número da revista *ex aequo* quero expressar os meus agradecimentos pessoais e os agradecimentos da APEM ao conjunto das pessoas que o viabilizaram. Em primeiro lugar, agradeço a todas as autoras e a todos os autores dos textos, sem cuja disponibilidade ele não teria sido possível. Em segundo lugar, quero manifestar o meu profundo reconhecimento à Dra Regina Tavares da Silva que, embora não tenha podido colaborar, possibilitou que algumas colaborações destacadas pudessem acontecer. Por fim, agradeço à Mestre Eunice Macedo o apoio directo que me deu, assumindo totalmente a preparação do material para a edição.